



ALEKSANDR DUGIN E O SEU SONHO DE ROMA

Daniel Pradera Corrêa Guimarães¹

1 – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Apoio Financeiro: CAPES.

RESUMO: O presente trabalho visa abordar a forma como o intelectual de extrema-direita russo Aleksandr Dugin trata o conceito de história, além de aprofundar em suas perspectivas que perpassam ideais imperialistas aplicados a nação russa. Esse tipo de visão será analisado como um tipo de discurso retórico com a finalidade de afetar políticas públicas na Rússia, cujo resultado mais recente é o atual andamento da invasão russa à Ucrânia. Partindo de uma análise comparativa do discurso de Dugin e da historiografia vigente sobre o conceito de *imperium* e o expansionismo romano, de modo a colocar a abordagem desse ideólogo russo em contraste. A partir disso, é possível verificar nas palavras de Dugin a defesa do imperialismo russo usando o imperialismo romano como um ponto de partida.

Palavras-chave: imperialismo; extrema-direita; nacionalismo.

INTRODUÇÃO: O principal objetivo do presente projeto é compreender os usos e as formas de modificação do passado a fim de atender desejos de um grupo específico, principalmente o modo como o passado romano é utilizado enquanto feito por Aleksandr Dugin, um intelectual de grande relevância na extrema-direita na Rússia e sua projeção no mundo, em contraposição com a historiografia vigente sobre o Império e o imperialismo romano, delineando também a operação e o processo teórico-metodológico da história de maneira a criticar a perspectiva desses ideólogos e o seu lugar na disciplina histórica, colocando em escrutínio o papel social do historiador diante dos usos do passado pela extrema-direita atual.

O presente estudo também tem como objetivo a compreensão da viabilidade entre a associação de Roma e o conceito de ocidente, além de comparar e procurar quais são as diferenças entre essa perspectiva e a da historiografia corrente sobre a queda do Império Romano. Junto a isso, será buscado também a possibilidade de uma análise das razões pelas quais a extrema-direita adota esse tipo de narrativa, além do desenvolvimento de prováveis sugestões de como evitar que elas se proliferem.

A ascensão do conservadorismo e da extrema-direita na atualidade é um alvo recente de discussões. No entanto, algo que merece abordagem no discurso desses políticos é o uso, ou silenciamento, da históriada forma como ela é entendida pelos historiadores profissionais. Ela faz parteda retórica da direita nos tempos atuais, ainda que seja utilizada de uma maneira que corrobore seus próprios princípios políticos abjetos e que vai contra toda a produção historiográfica produzida até então pelos estudiosos na área.

De acordo com Curtis Dozier (2020, p. 252-253), grande parte do apelo que a extrema-direita faz aos clássicos provém, de fato, do prestígio que eles possuem dentro do imaginário popular. Esse imaginário partiu de uma construção dos clássicos como fundamentais para a noção de ocidente, assim como também representam o ápice das representações artísticas do mundo para os europeus. No contexto da extrema-direita atual, a reprodução acrítica dos clássicos é utilizada como uma forma de legitimar o discurso de ódio no presente, além de perspectivas políticas que correspondam com os interesses de militantes fascistas.



Devido a isso, é de suma importância que esses discursos sobre o passado sejam estudados por historiadores, já que parte de nossa disciplina é lidar com interpretações, e também recepções, feitas desse passado. A escolha pelo Império Romano se dá pela aparente distância cronológica entre a história romana e a política atual, por mais que a recepção dos clássicos tenha sido utilizada como forma de retórica política desde o século XIX.

Por conta desse fator, faz-se necessário atestar a diferença ou semelhança na continuidade da apropriação, ou rejeição, do passado romano pela extrema-direita atual e a forma como é feita essa modulação em seus usos para atender objetivos específicos forjados por esse grupo. A abordagem e o entendimento da recepção dos clássicos nesse sentido são importantes para compreendermos que tipo de emprego, e a serviço de que ideologias, é feita sua utilização por essas pessoas.

Além disso, o campo de estudos de recepção dos clássicos é relativamente recente (Hardwick, 2003), cabendo um maior aprofundamento em suas análises, e o estudo dessa recepção por membros da extrema-direita da atualidade pode dar um vislumbre de como o discurso desses elementos de extrema-direita foram apropriados e de que forma se pode compreender suas raízes e estruturas, para assim ser estudado mais a fundo. Para este fim, também é importante elucidar uma história da direita, a fim de delimitar com maior precisão essas continuidades e rupturas na recepção dos clássicos, e indicar os rumos do discurso e da recepção pela direita na atualidade, de forma a combater os erros proliferados por eles.

OBJETIVOS: Os principais objetivos deste trabalho são o esclarecimento e comparação da perspectiva de Aleksandr Dugin a partir de seu posicionamento em relação ao Império Romano e análise retórica desses autores, e também a compreensão dos usos políticos do uso da história pela extrema-direita e a maneira com a qual eles interpretam tais elementos que remetem a um passado ideal ao tomar um posicionamento que vai contra a leitura historiográfica, especialmente quando ela é analisada por acadêmicos profissionais.

METODOLOGIA: O trabalho foi realizado se utilizando da análise do discurso enquanto proposta por Michel Foucault (2004), de modo a identificar o tipo de discurso sendo promovido por Aleksandr Dugin. No cenário político vigente, tanto os acadêmicos quanto os ideólogos da extrema-direita estão competindo por um mesmo argumento: a verdade. Por mais que os acadêmicos não disputem pela verdade propriamente dita, é deveras oportuno para pessoas como Dugin se impelir da vontade de verdade de modo a legitimar seu discurso supremacista. No mais, o conceito de imperialismo romano e romanização estão sendo explorados nessa pesquisa, especialmente a partir da perspectiva de Greg Woolf (1998), Andrew Lintott (1993), Peter Eich (2005) e Norberto Guarinello (1994). De modo a conciliar essas visões, fez-se necessário a abordagem da recepção dos clássicos enquanto delineada por Lorna Hardwick (2003), pretendendo-se reafirmar a importância de uma leitura crítica dos Estudos Clássicos e distanciar-se da mácula de sua apropriação pelos conservadores durante o processo de construção nacional dos países europeus, reiterando assim o campo de estudo como distante da realidade conservadora.

RESULTADOS: Podemos compreender que a interpretação acrítica que é feita daquilo que constitui a essência do que é Roma corresponde a um interesse bastante específico não só de uma aristocracia, aquela que construiu nossa noção de mundo antigo e por consequência de mundo greco-romano, mas também das mesmas elites que ele criticou ao atacar a corrupção em Roma – por, sinal, elite a qual ele mesmo pertence.

Todos esses elementos retornam e dialogam com o processo colonial que ocorreu no século XIX e que tanto se relaciona com as discussões sobre o imperialismo romano. Discutir imperialismo romano não só é discutir as consequências do imperialismo europeu na condição do mundo atualmente, mas também é discutir a apropriação que a extrema-direita faz dessa condição mítica do Império Romano. Uma condição que é militarista, expansionista, escravagista, e cujas práticas ecoam com os valores da extrema-direita



atual, especialmente no caso de Dugin e suas crenças sobre o Império Romano.

O que Dugin, e a extrema-direita, vêem nos valores romanos é precisamente a exaltação das conquistas militares, comemoradas com grande pompa através dos triunfos. Por meio deste retrato, podemos ver o principal motivo pelo qual a extrema-direita, e especialmente Aleksandr Dugin, se encanta com o passado romano: através de Roma, o sonho do império e do imperialismo dessas pessoas se manifesta. O Império Romano se torna uma fantasia de poder, sustentada por ideários militaristas, em um diálogo muito próximo à construção do passado ideal fascista, porém aplicado à Rússia e um pretensão destino-manifesto para reaver os territórios perdidos durante o fim da União Soviética e do Império Russo.

CONCLUSÕES: A ideia de uma herança romana, principalmente no que diz respeito a sua alusão ao Império Russo, se faz especialmente tentadora como uma maneira de justificar, em um passado construído artificialmente, que esse grande império é superior, especialmente na esfera moral, aos outros por conta de sua herança entregue a eles pelo Império Romano. Junto a essa noção, cria-se também, na tentativa de se afirmar como império, a ideia de que eles seriam guardiões dos ideais antiocidentais. Dessa forma, a associação entre Aleksandr Dugin e a romanização, na verdade, está calcada nos ideais imperialistas que ele mesmo defende. Por mais que a romanização enquanto conceito esteja diretamente atrelada com o binário de civilização e barbárie, especialmente no contexto do colonialismo do século XIX, Dugin toma uma perspectiva diferente. Em seus comentários sobre o passado romano, uma defesa aberta da guerra de conquista é feita, sendo essa conquista movida contra o ocidente. Sendo assim, romanização e imperialismo romano são, para Dugin, uma forma de defender os “valores tradicionais” em contraposição com a corrupção ocidental. Portanto, a romanização em sua perspectiva está relacionada com a russificação. Já que, de acordo com ele, o Império Romano é o ancestral espiritual russo, então as duas entidades possuem o mesmo objetivo: liquidar o ocidente e tudo o que ele representa. Dessa forma, a Rússia precisaria seguir os passos de seus ancestrais e dominar os territórios que lhe são de direito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DOZIER, C. Hate groups and Graeco-Roman antiquity online: to rehabilitate or reconsider? In: VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean (Ed.). *Far-right revisionism and the end of history*. Nova York: Routledge, 2020. P. 607-656.

HARDWICK, L. *Reception studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

WOOLF, G. Beyond Romans and natives. *World archaeology*, v. 28, n. 3, p. 339-350, 1998.

LINTOTT, A. *Imperium Romanum: Politics and Administration*. Londres: Routledge, 1993.

EICH, P. *Zur Metamorphose des politischen Systems in der römischen Kaiserzeit: Die Entstehung einer "personalen Bürokratie" im langen dritten Jahrhundert*. Berlim: Akademie Verlag, 2005.

GUARINELLO, N. *Imperialismo greco-romano*. São Paulo: Ática, 1994.